IDENTIDADE CONTEMPORÂNEA EM MIDIATIZAÇÃO

CONTEMPORARY IDENTITY IN MEDIATIZATION

IDENTIDAD CONTEMPORÁNEA EN LA MEDIATIZACIÓN

Rosane de Paula Moreira[1]

RESUMO
Em uma conjuntura capitalista permeada por ferramentas digitais que se articulam aos indivíduos norteando novas práticas e comportamentos sociais, este artigo propõe uma reflexão sobre como o sujeito contemporâneo se compromete com a exigência de perfeição e em que o uso frenético das mídias digitais é imperativo, especialmente em um cenário pandêmico. Assim, consideramos que tal articulação geralmente se desdobra em práticas constantes de autocontrole e de autovigília, que propiciam síndromes e distúrbios cada vez mais cruéis e amiudados.

Palavras-chave: Mídias Digitais. Sujeito. Midiatização.

ABSTRACT
In a capitalist context permeated by digital tools that articulate with individuals guiding new social practices and behaviors, this essay proposes a reflection on how the contemporary subject is committed to the demand for perfection and in which the frantic use of digital media is imperative, especially in a pandemic scenario. Thus, we consider that such articulation generally unfolds into constant practices of self-control and self-vigilance, which lead to increasingly cruel and frequent syndromes and disorders.

Keywords: Digital Midia. Subjec. Midiatization.

RESUMEN
En un contexto capitalista permeado por herramientas digitales que se articulan con individuos que orientan nuevas prácticas y comportamientos sociales, este artículo propone una reflexión sobre cómo el sujeto contemporáneo está comprometido con la demanda de perfección y en el que el uso frenético de los medios digitales es imperativo, especialmente en un escenario de pandemia. Así, consideramos que dicha articulación generalmente se desdobla en prácticas constantes de autocontrol y autovigilancia, que conducen a síndromes y desórdenes cada vez más crueles y frecuentes.

Palabras clave: Medios digitales. Tema. Mediatización.

[1] Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado Acadêmico em Educação e Formação Humana da FaE/UEMG e especialização em andamento em Administração Pública, Planejamento e Gestão Governamental pela Fundação João Pinheiro. Possui especialização em Tecnologias Digitais e Educação 3.0 pela Universidade Federal de Minas Gerais, graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2011) e Formação Complementar em Docência para a Educação Infantil pela mesma Universidade. Atualmente é Assessora Estratégica da Diretoria de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - SEE/MG e integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Comunicação e Tecnologia-NECT/FaE/UEMG

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

Introdução

A humanidade está cada vez mais permeada e mediada por dispositivos, ferramentas e tecnologias inovadoras e fugazes. Um exemplo de introdução do novo na vida cotidiana dos indivíduos é o uso incessante das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – (TDICs). As TDICs foram incorporadas ao contexto social após a evolução tecnológica que ocorreu em meados da década de 60 do século XX e são entendidas como um conjunto de mídias em rede que utilizam tecnologias digitais como: computadores, *tablets*, *smartphones* etc. (COMIN, 2014). É importante situar que, neste momento em que o mundo foi/está sendo assolado por uma pandemia de um novo Coronavírus, o qual ocasionou a doença da COVID-19, as TDICs têm se apresentado como alternativa viável para a comunicação humana, o que fez com que a maior parte da população mundial tivesse de se adequar a essa nova conjuntura.

Este artigo ensaístico propõe refletir sobre as mudanças ocorridas na sociedade contemporânea tendo em vista às experiências de uma das autoras, que é aluna de Pós Graduação e trabalhadora da Educação Básica, ao fazer uso das mídias digitais, especialmente dos aplicativos de mensagens instantâneas, durante o período da Pandemia de COVID-19. Assim, levamos em consideração que essas mídias são elementos que se articulam aos indivíduos e que norteiam novas práticas e comportamentos sociais.

Segundo Hjarvard (2014, p 42), “quando, a partir de determinado momento, os meios de comunicação passam a servir como uma interface necessária para o desempenho de determinada atividade social, estamos lidando com uma forma forte de midiatização”. O conceito de midiatização será apresentado ao longo do artigo, pois acreditamos que os meios de comunicação digitais são utilizados como interface, quase que exclusivamente, para a efetivação de grande parte das atividades sociais no período da Pandemia, e que demonstra ter seu uso continuado nesse momento de transição “pós” Pandemia.

O artigo abordará o sujeito em uma perspectiva de problematização da construção de sua identidade, considerando a noção foucaultiana de atos e códigos morais no processo de sujeição do indivíduo na contemporaneidade. A

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

intenção é passar por determinadas concepções de sociedade estabelecidas por alguns teóricos ao longo dos últimos tempos, e analisar de que forma esses entendimentos compartilhados pela humanidade em determinado período histórico formulam os atos e códigos morais da sociedade e, assim, possibilitam o direcionamento do que Foucault chama de assujeitamento do indivíduo.

Com certeza não conseguiremos realizar um apanhado preciso e completo das complexidades sociais que experienciamos, mas a tentativa é refletir sobre a transição da sociedade disciplinar, abordada por Foucault (2014), para a sociedade do controle, teorizada por Deleuze (1990), em um processo de individualização e fugacidade crescente, noção difundida por Bauman (2001) em seu conceito de sociedade líquida, até chegarmos na noção de sociedade do cansaço, de Han (2017). Todas essas transformações serão ponderadas, levando em consideração os aspectos relativos ao trabalho e a relação dos sujeitos com os produtos que eles mesmos elaboram (MARX 2017), tendo como imperativo os princípios de uma sociedade dominada pelo capital. Tal sociedade preconiza a viabilidade da perfeição e da liberdade, colocando-nos em meio ao que Zizek (2020) nomeou como crise tripla: médica, econômica e mental.

O propósito deste artigo é ponderar de que forma o sujeito contemporâneo se compromete com a exigência de perfeição em meio a uma Pandemia de COVID-19 em um mundo cada vez mais individualista no qual o capital impera, e principalmente, permeado por ferramentas digitais que se articulam de forma desumana com o indivíduo. Assim, consideramos que essa articulação geralmente se desdobra em práticas constantes de autocontrole e de autovigília, e que muitas vezes, podem propiciar síndromes e distúrbios cada vez mais cruéis e amiudados.

Construção da identidade contemporânea

Foucault, na terceira parte de seu livro Vigiar e Punir – Nascimento da prisão (2014), discute sobre a noção de Sociedade Disciplinar, e nos apresenta a expressão *corpos dóceis*. De acordo com o autor, para se controlar os corpos dos indivíduos era necessário lançar mão de métodos minuciosos, que possibilitaram a sujeição dos corpos em uma relação de docilidade-utilidade que

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

ele nomeia como as “disciplinas”. Esses métodos de domesticação dos corpos se tornaram formas gerais de dominação no decorrer dos séculos XVII e XVIII e se diferenciavam da escravidão, da domesticidade, da relação de vassalo e senhor e do ascetismo, nenhuma dessas experiências, até então vivenciadas pela humanidade, eram as mesmas das quais tratavam essa nova prática.

> O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 2014, p.135).

Sobre essas considerações de Foucault, podemos aferir que as relações sociais geralmente foram pautadas em uma delimitação muito precisa de espaço e tempo, com configurações propositadamente pensadas e articuladas para o intuito da opressão, guarda e disciplinarização dos corpos. Existem vários exemplos, ainda na contemporaneidade, de instituições e organizações que lançam mão desses métodos descritos por Foucault, todos eles citados em seu livro: os hospitais, as escolas, as prisões, incluo aqui as igrejas e até mesmo os espaços de diversão das pessoas, como os clubes e casas de festas. Nesses espaços os corpos são vigiados e disciplinados pelos médicos, professores, gestores, carcereiros, funcionários, e até pelos próprios familiares e amigos. Sibilia (2012, p. 209), chama nossa atenção para o agravamento dessa constante vigília em nossa conjuntura social atual, já que:

> [...] em contraste com aquele instrumental já antiquado que as escolas ainda insistem em desdobrar, parecem ser mais eficazes as novas formas de nos amarrar aos circuitos integrados do universo contemporâneo – embora essas novidades certamente sejam mais sutis, elegantes e divertidas. Pois agora estamos todos livremente conectados não só às redes sociais, ao correio eletrônico e ao telefone portátil, mas também a outros dispositivos de monitoramento como os sistemas de geolocalização, os cartões de crédito e os programas de fidelidade empresarial.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

A correlação da noção de Sociedade Disciplinar de Foucault com o que, há trinta anos, Deleuze (1990) versou em seu artigo intitulado "Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle", torna-se evidente. Para Deleuze, desde os anos de 1990, estávamos iniciando o processo gradual de um novo regime, em que as tecnologias controlariam os mais diversos aspectos de nossas vidas. Parece-nos que a intenção de Deleuze era ampliar o conceito de Foucault (2014), o da conversão de uma sociedade baseada em aspectos disciplinares para uma sociedade baseada em aspectos de monitoramento. De acordo com Sibilia (2012, p. 45), Deleuze designa esse movimento como o "novo monstro", uma implantação gradativa de um novo regime de vida apoiado nas tecnologias digitais, uma nova organização social baseada em um capitalismo extremamente dinâmico regido pelo excesso de produção, pelo consumo exagerado, pela publicidade, pelo fluxo financeiro controlado em tempo real e digital e com comunicação em redes globais.

> Fica claro que os dispositivos eletrônicos com que convivemos e que usamos para realizar as mais diversas tarefas, com crescente familiaridade e proveito, desempenham um papel vital nessa metamorfose. Esses artefatos de uso cotidiano não só provocam velozes adaptações corporais e subjetivas aos nossos ritmos e experiências, permitindo responder com maior agilidade possível à necessidade de reciclagem constante e de alto desempenho, como também eles mesmos acabam por se multiplicar e se popularizar em virtude de tais mudanças nos estilos de vida (SIBILIA, 2012, p. 51).

De acordo com as considerações feitas por Foucault e Deleuze, podemos concluir que a humanidade é delineada por transformações que ocorrem ao longo da história. Nas últimas décadas, essas mudanças parecem estar ocorrendo de forma mais rápida, trazendo alterações consideráveis aos nossos hábitos e costumes. Para Bauman (2001), a sociedade se transformou de um estado sólido, de ordem, rigidez e imposição, para uma sociedade em estado líquido, que é fluida, leve, que se molda mais facilmente aos valores pós-modernos, em que o conceito de liberdade é imperativo. Segundo Souza (2014, p. 66): "a sociedade moderna líquida não se fixa a um espaço ou tempo, está sempre disposta a mudanças e livre para experimentar algo novo". O que muitas vezes se verifica, no entanto, é que essa disposição contínua a mudanças, essa "liberdade para experimentar" o novo, à qual alude Souza, muitas vezes possui uma trajetória irregular, desvios, conflitos e acidentes que se apresentam em

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

nossas vidas, mas que, por imposições externas, assimilamos e naturalizamos por mais que possa ser laborioso e doloroso. Ser contemporâneo passou a significar ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado, também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não realizado (BAUMAN, 2001, p. 40).

Bauman (2001, p.42) também nos lembra sobre a imposição cada vez mais frequente do individualismo, em que não mais existe grandes líderes que te comandam ou te dizem o que fazer, inclusive não se responsabilizam quando algo dá errado, visto que cada um é mestre de si. Ele evoca o discurso de Margaret Thatcher[2] em que ela declarou: “Não existe essa coisa de sociedade. Não olhe para trás, ou para cima; olhe para dentro de você mesmo, onde supostamente residem todas as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da vida – sua astúcia, sua vontade e poder”.

Dois aspectos fundamentais que têm caracterizado as dimensões sociais ao longo da história e que fazem parte dessa dimensão de subjetivação do indivíduo são as relações do homem com o trabalho e o produto do seu trabalho. A partir do referencial marxiano, que tomaremos como norteador para a questão, é de que a produção do ser humano é bem diferente da produção do animal.

Para o filósofo alemão Peter Sloterdijk, por exemplo, trazer aqui, componentes da teoria marxista não seria o mais proveitoso, pois, de acordo com os pensamentos de Sloterdijk, o marxismo seria apenas mais uma variação do humanismo, entendendo o humanismo como mais uma forma de domesticação do homem. O cristianismo, o marxismo e o existencialismo foram as três alternativas que se tentou colocar em prática, e todas elas são, meramente, variações do humanismo, porque todas "evitam a radicalidade última da questão sobre o que é o ser humano" (Sloterdijk 2000, p. 23). Essa digressão é importante para pontuar que nem todos os teóricos apontados neste artigo dialogam entre si de forma harmônica e afinada. Podemos dizer que em muitos momentos Foucault também diverge da teoria marxiana, nos dias de hoje, inclusive, acredita-se que há uma certa disputa entre seus discípulos. No entanto, consideramos que o momento é único, e que as forças capitalistas

[2] Primeira-ministra do Reino Unido. Exerceu o cargo entre os anos de 1979 até 1990. Foi a primeira-ministra com o maior período no cargo durante o século XX e a primeira mulher a ocupá-lo.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. Aceito em: 10 dez. 2021.

necessitam ser encaradas, a partir do que chamamos aqui de “hiato de desvios teóricos”; por isso, a adoção do referencial marxiano para a explicação da relação entre homem e o produto de seu trabalho.

Segundo Marx *apud* Peto e Verissimo (2018), o animal produz de forma unilateral, mas o ser humano produz de forma “universal”. Em outras palavras, o animal produz na tentativa de atender apenas às suas necessidades biológicas para garantir a sua manutenção e reprodução, já o ser humano pode “reproduzir a natureza inteira” e produz também para se constituir enquanto ser humano, já que tem consciência da sua produção e, inclusive, se satisfaz por meio dela (MARX, 2017, p. 517).

> Marx não limita o ser humano ao trabalho. Este último dá a medida qualitativa do primeiro enquanto ser. Isso significa que o trabalho (*Arbeit*) é a categoria que caracteriza a diferença qualitativa entre o ser humano e os outros seres. Ele fundamenta o salto ontológico. Nele “estão contidas *in nuce* todas as determinações” (Lukács, 1984/2013, p. 44) que constituem a essência do humano enquanto ser. Por isso, o trabalho, como teorizado por Marx, é uma exclusividade do ser humano. E é a especificidade do trabalho humano, o pôr teleológico, que o caracteriza como a atividade vital que possibilita ao ser humano se estruturar enquanto um ser distinto. É a partir dele, por exemplo, que se pode compreender a diferença, em Marx, entre seres humanos e animais (PETO e VERISSIMO, 2018, p. 9).

Peto e Verissimo (2018, p. 8) ainda nos lembram de que, na concepção marxiana, a principal característica do trabalho é a atividade em si. “Uma atividade orientada que se opera em relação, indissociável, com a natureza”. O mais importante em um processo de trabalho seria a transformação de uma coisa em outra coisa. Porém, o fundamental não seria o produto e, sim, o processo de transformação que se dá pelas mãos humanas. O importante, para Marx, não é o resultado – o centro do trabalho é o processo.

A partir das considerações marxianas, compreendemos que o trabalho é o fundamento primordial para a constituição do homem enquanto ser social. No entanto, devemos levar em consideração o processo de trabalho, e não apenas o produto. O que se vê na sociedade contemporânea, em que o capitalismo impera, é um produto superestimado, enquanto o processo é totalmente subestimado. Nessa relação contrária ao que Marx considerava como processo constituinte do ser humano enquanto ser social, percebemos um certo apagamento do indivíduo em função do produto, inclusive, nesse momento já

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

podemos nomear o resultado do que é produzido pelo homem não mais como produto, mas no sentido marxiano, como mercadoria[3]. No entanto, ao mesmo tempo em que se apaga o indivíduo em relação às mercadorias criadas, atribui-se a ele a responsabilidade total pela sua felicidade e completude, como se essas virtudes estivessem centradas nele e não na sua produção.

Essa exigência da contemporaneidade sobre os indivíduos requer um exercício de sujeição, pensando na noção de sujeição foucaultiana (2014), em que a maneira pela qual as pessoas se reconhecem, ou como querem ser reconhecidas, são estabelecidas por um incitamento moral da época em que vivem. Portanto, um questionamento importante a ser feito é: qual moral está estabelecida na sociedade contemporânea? Esse questionamento apenas é possível se utilizarmos de mais uma noção foucaultiana (2014): a noção de moral, em que ele estabelece que a moral é constituída pela diferenciação entre os atos e os códigos morais. Os atos seriam as condutas, os comportamentos das pessoas em relação aos códigos morais, e os códigos morais seriam as prescrições, as normas que levam o sujeito a identificar os atos que seriam permitidos e os que não seriam permitidos. Sendo assim, o questionamento anterior, de uma forma mais estendida, seria: quais códigos morais se apresentam como vigentes na nossa sociedade contemporânea e quais atos esses indivíduos estão realizando, em função desses códigos, em um processo de sujeição?

Para Han, em seu livro intitulado Sociedade do cansaço (2017), a norma vigente é o desempenho, a produção excessiva, não somos mais geridos pela disciplina e pela vigilância feita pelo outro. “No lugar da proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2017, p. 24). Agora, o imperativo é produzir, ser perfeito e gozar de tudo que a vida tem a oferecer (consumir). Seguindo o entendimento de Bauman, Marx e Han, o código moral vigente é o da liberdade do indivíduo em função do capital, ninguém é mais

[3] Tomamos a liberdade de resumir grosseiramente o que nomeamos aqui de produto como sendo o resultado do processo de trabalho humano de ordem natural. Já, na esfera capitalista, a mercadoria foge à ordem natural, e se torna fonte de exploração dos trabalhadores (MARX, 2017).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

obrigado a seguir regras rígidas e normas impostas por terceiros, desde que se produza e consuma o máximo possível.

Já que o código moral contemporâneo é o alcance da perfeição, quais atos nos são, ou não, permitidos para que possamos alcançar esse Olimpo prometido? Em seu livro, Han não se propõe a responder essa pergunta, mas nos apresenta a faceta trágica dessa liberdade falseada. Hoje, o indivíduo se crê perfeito e quer que os outros também o creiam perfeito, acrescenta-se aqui, a norma da produção e do consumo desenfreado, quanto mais o indivíduo produz e consome, mais perfeito ele é. No entanto, nessa ânsia em ser e em parecer perfeito, a ironia é que o indivíduo é disciplinado e vigiado por si mesmo, ato que se torna verdadeiramente catastrófico, pois, da vigilância e da disciplinarização de nós mesmos, não temos como fugir. Podemos dizer que essa é a materialização do processo de sujeição da contemporaneidade.

Han (2017) ainda nos aponta que esse processo de sujeição contemporâneo nos leva a um decurso patológico. Segundo o autor, cada época apresenta a sua enfermidade, e a enfermidade que marcaria a nossa época seria a de uma Pandemia neuronal. Essa afirmação é muito pertinente, visto que a depressão, transtorno de défice de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL), síndrome de Burnout (SB) – apenas algumas das patologias citadas por Han – são perturbações cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Além disso, essas perturbações e/ou distúrbios são causados exatamente por esse código moral contemporâneo da perfeição, de que tudo é realizável e possível de ser alcançado, em que querer é poder. “A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível” (HAN, 2017, p. 29).

Ao escrever o livro no início da terceira década dos anos 2000, Han não imaginava que depararíamos com uma Pandemia de Coronavírus poucos anos depois. Ingenuamente, logo no início do livro, ele afirma: “Apesar do medo imenso que temos hoje de uma pandemia gripal, não vivemos numa época viral. Graças à técnica imunológica, já deixamos para trás essa época” (HAN, 2017, p. 7). Podemos considerar então que a situação está até mais agravada do que se pensava no início do século XXI. Além da pandemia neuronal, neste momento ainda estamos vivendo um acréscimo de uma pandemia viral. Zizek (2020, p. 9)

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

nos alerta de que estamos em meio a uma crise tripla: médica, econômica e mental.

> Estamos presos a uma crise tripla:médica (a epidemia em si mesma), econômica (que será grave, independentemente de como acabe a epidemia) e (algo a não ser subestimado) de saúde mental. As coordenadas básicas da vida de milhões e milhões de pessoas estão se desintegrando, e a mudança minará tudo, desde voar de férias até o contato físico diário. Devemos aprender a pensar além das coordenadas do mercado de ações e do lucro, e simplesmente encontrar outra maneira de produzir e distribuir os recursos necessários.

Como ser perfeito e dar conta de tudo em meio a uma Pandemia de Coronavírus, e em um mundo cada vez mais individualista no qual o capital impera? Essas são questões que nos atravessam e que fazem parte da construção da nossa identidade enquanto indivíduos assujeitados.

Tdics, mídias digitais e a sociedade em midiatização

No ideal ilusório de que se tornar perfeito é possível, os sujeitos contemporâneos se vigiam e se disciplinam cada vez mais, afinal, ter o corpo perfeito é possível; ter a família perfeita é possível; ser o professor e o aluno perfeito, que domina todos os assuntos, é possível; ser o trabalhador perfeito é possível. Enfim, em qualquer posição que você esteja, é possível ser o mais perfeito, o mais admirado, o que adquiriu todos os bens, o que alcançou o topo. Parafraseando Caetano Veloso, essa é a “nova ordem mundial”, e o mais cruel é que, quem estiver fora dessa nova ordem, que se adapte logo ou será esmagado.

Nessa conjuntura de autocobrança e autocontrole desmedidos, as mídias digitais têm contribuído sobremaneira para a percepção coletiva e individual do sentimento de sucesso ou fracasso em relação ao alcance e efetivação, ou não, dos novos códigos morais estabelecidos. Sloterdijk (2000, p. 17) afirma que os indivíduos estão subordinadas de forma simultânea a dois poderes de formação, o que ele denominou como inibidoras e desinibidoras, e que, desde o império romano, as mídias são usadas como técnicas de dominação para a domesticação do homem. Ele ainda afirma que “a humanidade consiste em escolher, para o desenvolvimento da própria natureza, as mídias domesticadoras, e renunciar as desinibidoras” (SLOTERDIJK, 2000, p. 19).

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

> Acima de tudo, porém, a questão de como o ser humano poderia se tornar um ser humano verdadeiro ou real está daqui em diante inevitavelmente colocada como uma questão de mídia, se entendermos por mídias os meios comunitários e comunicativos pelos quais os homens se formam a si mesmos para o que podem, e o que vão, se tornar (SLOTERDIJK 2000, p. 20).

Nessa perspectiva, consideramos importante dedicar um tempo para dissertar sobre as TDICs e as novas mídias digitais, cuja "influência" sob os sujeitos contemporâneos, a qual chamaremos aqui de processo de midiatização, principalmente em ambientes escolares, tem se apresentado como um espaço conflituoso em relação à utilização das TDICs. Contudo, desde o surgimento da Pandemia de COVID-19, os sujeitos constituintes desses ambientes escolares tiveram, por bem ou por mal, de se adaptar de alguma forma à essa nova ordem mundial.

A palavra tecnologia tem origem no grego "*tekhné*", que significa "técnica, arte, ofício" juntamente com o sufixo "*logia"* que significa "estudo" (SOUZA, 2014, p.3). A conjunção dos termos "tecnologia", "informação" e "comunicação" estabeleceram a expressão Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), que, de acordo com Imbernón (2010), se define como todos os meios técnicos para tratar a informação e auxiliar na comunicação. Quando MacLuhan (1996, p. 77) versou sobre o advento da tecnologia da eletricidade, ele nos fez perceber que estávamos rumo à extensão tecnológica da consciência. No entanto, essa operação foi traduzida no termo informação.

> Ao colocar o nosso corpo físico dentro do sistema nervoso prolongado, mediante os meios elétricos, nós deflagramos uma dinâmica pela qual todas as tecnologias anteriores – meras extensões das mãos, dos pés, dos dentes e dos controles de calor do corpo e incluindo as cidades como extensões do corpo – serão traduzidas em sistemas de informação.

Para Gomes (2016), não podemos nos esquecer do acréscimo do termo Digital a essa sigla, se transformando em Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC's, e assim, levando para um caminho sem volta, as configurações como até então concebíamos a TIC.

Como nos lembra Kenski (2013, p. 27), "As tecnologias digitais, introduzem uma nova dinâmica na compreensão das relações com o tempo e o

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. Aceito em: 10 dez. 2021.

espaço". De acordo com a afirmação dessa autora (2013), podemos dizer que o mundo contemporâneo se encontra em estado acelerado, e que um dos aspectos que contribuíram fortemente para o estabelecimento desse novo paradigma seria o advento cada vez mais acentuado das TDICs nos mais variados âmbitos da sociedade, inclusive em contextos educativos, principalmente após o surgimento da Pandemia de COVID-19, em que as TDICs se tornaram elementos primordiais para a continuidade da comunicação entre professores e alunos.

As tecnologias sempre foram e continuam sendo necessárias para o desenvolvimento da sociedade, e geralmente são entendidas como evoluções da humanidade. Podemos dizer que todos os artefatos já elaborados pelo homem durante toda sua existência podem ser entendidos como tecnologias. O ser humano não garantiu apenas a sua sobrevivência a partir da invenção de utensílios, recursos e ferramentas, mas também "a sua supremacia, pela engenhosidade e astúcia com que dominavam o uso de elementos da natureza" (KENSKI, 2008, p. 15).

Evidenciamos também os apontamentos pertinentes de Fiorentini e Lorenzato (2006), que nos fazem conjecturar sobre como se dá a inclusão das TDICs no contexto escolar:

> (...) parece haver uma crença, entre alguns responsáveis pelas políticas educacionais, de que as novas tecnologias da informação e comunicação são uma panaceia para solucionar os males da educação atual. [...] se, de um lado, pode ser considerado relativamente simples equipar as escolas com essas tecnologias, de outro, isso exige profissionais que saibam utilizá-las com eficácia na prática escolar.

A compreensão contemporânea de que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação seriam excelentes aliadas ao trabalho docente se mostra problemática tendo em vista alguns apontamentos feitos por diversos teóricos. Kenski (2008, p. 48), por exemplo, traz uma reflexão importante que deve permear as reflexões relacionadas à utilização das TDICs como ferramenta de trabalho docente.

> O esforço para acompanhar as últimas inovações tecnológicas gera estresse e angústia. A sensação de que se está perdendo tempo ocasiona uma relação híbrida entre o homem e a máquina. Ao mesmo tempo em que a pessoa não consegue mais se desconectar, não

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

> consegue mais reter para si a informação, em uma permanente busca pelo que há de mais novo, diferente, espetacular.

O uso das TDICs no contexto laboral das escolas não é um caso efêmero, resumindo-se ao período de ensino remoto emergencial durante o período pandêmico. Essas mudanças já vinham ocorrendo e ressignificando o ambiente educativo ao longo da história. “Sem dúvida, as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, estabelecendo novas pontes entre o estar juntos fisicamente e virtualmente” (MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2000, p. 8). No entanto, o que se visualiza neste momento é uma urgência na difusão de recursos e procedimentos pedagógicos que abarque os segmentos mais populares do campo tecnológico e de forma cada vez mais eficiente. Tal urgência reforça a necessidade eminente de reflexão sobre as novas articulações que são formadas entre os usuários e as TDICs, principalmente no que concerne ao professor e ao aluno, atores centrais nesse espaço. Para Silva (2001, p. 840):

> O que se passa é que as tecnologias de informação não são apenas meros instrumentos que possibilitam a emissão/recepção deste ou daquele conteúdo de conhecimento, mas também contribuem fortemente para condicionar e estruturar a ecologia comunicacional das sociedades. Cada época histórica e cada tipo de sociedade possuem uma determinada configuração que lhes é devida e proporcionada pelo estado das suas tecnologias de informação e comunicação (TIC), reordenando de um modo particular as relações espaço-temporais, nas suas diversas escalas (local, regional, nacional, global) que o homem manteve e mantém com o mundo, e estimulando e
> provocando transformações noutros níveis do sistema sociocultural (educativo, económico, político, social, religioso, cultural, etc.).

As demandas direcionadas aos professores e alunos são inúmeras, e em uma “sociedade em que o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho” HAN (2017, p. 25) a necessidade de que os professores e alunos realizem seus papéis de modo eficaz, rápido e inovador é, a cada dia, mais imperiosa. As TDICs – cenário do qual as mídias digitais fazem parte – podem fortalecer ainda mais esse paradigma do desempenho. Como nos disse Sloterdijk (2000), desde o império romano as mídias são utilizadas como técnicas para a formação humana. Nesse momento, as mídias digitais têm se tornado

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

elementos essenciais para o direcionamento da vida cotidiana na sociedade contemporânea.

Neste momento, a necessidade de utilização das mídias digitais de forma imperiosa e as transformações nas relações sociais contemporâneas se apresentam como uma realidade inegável, que alteram demasiadamente as configurações de contato humano. Segundo Sibilia (2012, p.198), os ambientes escolares estão passando por:

> [...] mudanças tão profundas que vêm afetando os corpos e as subjetividades nos últimos tempos, e que agora permitiriam vislumbrar a consumação de uma metamorfose. De fato, trata-se de uma transformação tão intensa que costuma despertar toda sorte de perplexidades, sobretudo naqueles que não nasceram imersos no novo meio ambiente, mas que atravessaram plenamente essa mutação e hoje vivenciam suas consequências na própria pele.

Em relação as mídias digitais, Martino (2019, p. 24) fez um compilado de conceituações e chegou a seguinte definição: “Mídia tem um significado próximo ao de ‘forma’, no sentido de uma ‘linguagem’ ou ‘código semiótico’, derivado das possibilidades e dos limites das tecnologias e das instituições às quais elas estão ligadas”. Segundo Martino (2019), a dimensão de mídia englobaria três aspectos importantes: as linguagens, as instituições e as tecnologias.

É importante compreender e refletir acerca das mais variadas mídias, tendo como foco principal os aspectos de sujeição que essas mídias estabelecem sobre a sociedade e principalmente sobre os professores e os alunos, especialmente porque o uso dessas mídias apresenta implicações de ordem variadas aos seus usuários.

> A cultura e a sociedade contemporâneas estão a tal ponto permeadas pela mídia, que talvez já não seja possível concebê-la como algo separado das instituições culturais e sociais. Nessas circunstâncias, a tarefa que nos incumbe é, mais propriamente, tentar compreender de que forma as instituições sociais e os processos culturais mudaram de caráter, função e estrutura em resposta à onipresença dos meios de comunicação (HJARVARD, 2014, p. 15).

Como diria McLuhan (1996), hoje, tudo acontece quase que ao mesmo tempo: ação e reação, ou seja, o usuário de uma ferramenta digital pode reagir, quase que imediatamente, ao que é postado. McLuhan ainda afirma que “o meio é a mensagem”. De acordo com essa perspectiva, dizer que o meio é a

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

mensagem, “apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio, ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos, constituem o resultado do novo estágio introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos” (McLuhan, 1996, p. 21). Sob o ponto de vista de McLuhan (1996), não é o simples uso que se faz de uma ferramenta que gera as consequências mais relevantes em uma sociedade, mas o próprio fato de se usar tal ferramenta.

Martino (2019) entende midiatização como a articulação entre os ambientes da mídia e as práticas sociais.

> A perspectiva de midiatização compreende as práticas sociais articuladas com o ambiente das mídias digitais, levando em conta as continuidades e rupturas inerentes a isso. Entende-se que as práticas sociais não perdem suas características específicas no âmbito da midiatização; ao contrário, ganham desdobramentos e possibilidades inexploradas. As relações profissionais e afetivas, as práticas políticas e econômicas, os estilos de vida e as ações reciprocamente orientadas conservam suas características fundamentais. No entanto, são implementadas com outras possibilidades quando articuladas com o ambiente midiático (MARTINO, 2019, p. 26).

Martino (2019) trabalha também com a noção de “ambiente midiático”, que seria a combinação entre técnica, instituição e linguagem. Para o autor, a noção de “ambiente” sugere uma presença constante da mídia no cotidiano das pessoas. “Ela mostra como certos aspectos das práticas sociais mais corriqueiras, ao se articularem com esse ambiente, ganham outros contornos e aspectos” (MARTINO, 2019, p. 25).

A figura a seguir, retirada do artigo de Martinho (2019), “Rumo a uma teoria da midiatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização”, clarifica o entendimento da concepção de midiatização:

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

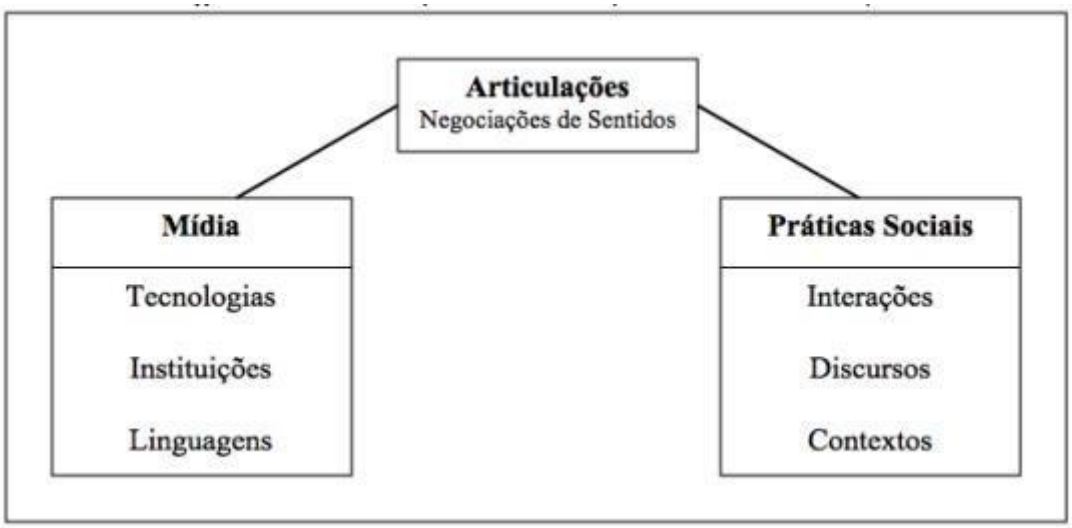

FIGURA 1- Elementos possíveis de um processo de midiatização
Fonte: Elaborado por Martinho (2019, p. 26).

Schulz (2004 *apud* Hjarvard, 2014) desenvolveu uma tipologia para análise dos processos de midiatização. Ele lista quatro modos pelos quais os meios de comunicação alteram as práticas sociais dos envolvidos. Vamos aludir, para facilitar a compreensão, à articulação que ocorre entre os aplicativos de mensagens instantâneas e os atores participantes dos contextos educativos.

Assim, para o autor, no primeiro modo, os aplicativos *estendem* as habilidades de comunicação no tempo e no espaço; no segundo, os aplicativos *substituem* atividades sociais que anteriormente poderiam ser realizadas apenas frente a frente por outras alternativas; no terceiro modo, os aplicativos estimulam uma *fusão* de atividades, combinando a comunicação fase a fase com a comunicação mediada, e isso faz com que os aplicativos de mensagens instantâneas se infiltrem cada vez mais na vida cotidiana; por último, os diversos atores da comunidade escolar, precisam *adaptar* seus comportamentos para acomodar as valorações, os formatos e as rotinas dos aplicativos de mensagens instantâneas.

Parafraseando Martinho (2019), o processo de midiatização ocorre quando as práticas sociais se alteram para atender as demandas de adequação aos ambientes midiáticos. Assim, surgem novas configurações e novos contornos para práticas já constituídas. Portanto, o processo de midiatização não pode ser entendido como um processo que faz com que certas características

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

específicas da sociedade sejam perdidas, mas, sim, como uma reconfiguração das características já existentes, o que faz com que novas concepções da realidade sejam somadas às antigas, abrindo caminho para a exploração e investigação desses novos desdobramentos e engendramentos. Para Gomes (2017, p. 78), "a midiatização é a chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade".

Consideramos válido introduzir o conceito de *FoMO - Fear of Missing Out*, que em tradução livre para o português seria "Medo de ficar de Fora".

> A tecnologia e a liberdade concedida através dela de certa forma alimenta a "angústia da escolha". O estrategista de marketing Dan Herman foi a primeira pessoa a levantar a teoria da síndrome de *FoMO*, com os psicólogos Andrew Przybylski e Patrick McGinnis apontando o surgimento de uma nova doença social que estaria relacionada com o uso de plataformas e redes sociais e digitais (BORGES, 2020, p. 48).

Essa é a nova síndrome ou distúrbio que podemos acrescentar aos já citados por Han (2017), e que a utilização de mídias digitais introduziu ao contexto social, a partir do qual podemos apreender como uma personificação do processo de midiatização da sociedade. Acreditamos que em contexto pandêmico, esse distúrbio tenha aumentado ainda mais as suas "vítimas". Esse novo distúrbio se caracteriza pela necessidade permanente de saber o que as outras pessoas estão fazendo, se apresentando como um sentimento bastante peculiar nos dias atuais, em que os indivíduos frequentemente demonstram sintomas de ansiedade, que influenciam diretamente o cotidiano e, principalmente, a produtividade, seja em ambientes de trabalho ou de estudos.

Sem nenhum estudo aprofundado, tomaremos a liberdade de incluir como potências padecentes dessa síndrome, os professores e alunos, tanto da modalidade Básica de Ensino como da Pós-Graduação. Estes são os dois ambientes que uma das autoras deste artigo transita no momento desta escrita e, por tal motivo, sente-se autorizada a fazer algumas considerações.

Os sujeitos que apresentam sintomas ligados ao *FoMO*, geralmente, exibem uma necessidade frequente em saber de tudo que está ocorrendo nas redes sociais, sempre atualizando a *timeline* (expressão em inglês que significa linha do tempo, e é bastante conhecida entre os usuários das redes sociais na internet) dos seus perfis do *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Youtube*, e principalmente, dos aplicativos de mensagens instantâneas, *WhatsApp* e

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. Aceito em: 10 dez. 2021.

Telegram. Como iremos levar em consideração os ambientes e as próprias experiências vivenciadas por uma das autoras deste artigo, temos a impressão de que os aplicativos de mensagens instantâneas, além dos outros exemplos citados, se destacam como mídias digitais que precisam constantemente serem atualizados e conferidas pelos indivíduos que circundam os ambientes educativos. Percebemos que mesmo durante o período noturno, aos finais de semana e/ou durante as refeições, os sujeitos não se permitem ficar de fora das atualizações ou mensagens que são enviadas.

Essas práticas sociais articuladas com o ambiente das mídias digitais seriam exatamente o que Martino (2019) conceituou como sociedade em midiatização. Segundo Borges (2020), esses comportamentos são resultantes da angústia causada pela insegurança de viver *offline* e podem gerar ansiedade, estresse, mau humor, desconforto ou mesmo depressão. Podemos inferir de que nesse processo de midiatização da sociedade, o *FoMO* surge como mais um sintoma causado pela sujeição do indivíduo na tentativa de se moldar aos códigos morais que prevalecem na contemporaneidade. Todos esses reveses se encaixam perfeitamente na teoria da Pandemia neuronal de Han (2017), e são questões que perpassam o problema de pesquisa que está sendo desenvolvido pelas autoras deste artigo, a qual se propõe a investigar o trabalho docente em midiatização.

Considerações finais

Podemos inferir que os meios midiáticos, durante o período da Pandemia de COVID- 19, se tornaram, de fato, o lugar da estruturação da identidade, não restando para a rua nem sequer o espaço do caminho. “A rua deixou de ser o lugar do encontro e da estruturação da identidade para se transformar apenas no espaço do caminho que leva do lar ao trabalho e vice-versa, a mídia supre esta necessidade” GOMES (2017, p. 82). As pessoas estão utilizando os aplicativos de mensagens como preeminentes canais de socialização, tornando, inclusive, suas casas e seu tempo livre extensões do momento produtivo do trabalho, o que tem gerado inúmeros distúrbios e síndromes que até então desconhecíamos.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

Partindo do entendimento de McLuhan (1996), em que o meio é a mensagem, análises sobre as articulações entre os usuários e as ferramentas digitais nos apontam cada vez mais o processo de midiatização da sociedade, decurso que se expandiu exponencialmente no contexto pandêmico.

Não se trata de um simples questionamento sobre a utilidade dos meios para a transmissão das mensagens, mas, sim, na sociedade contemporânea em midiatização, de uma reflexão sobre os próprios meios, das ferramentas digitais como mensagens. É fundamental questionar também a situação em que nos encontramos, situação permeada por mídias digitais, suas intervenções em uma sociedade dominada pelo interesse do capital e tendo como norma moral a prescrição da perfeição e da capacidade de realização completa. Acreditamos que esses processos têm assujeitado os indivíduos de forma que todos agora creem que é possível parecer, ou até mesmo, ser perfeito.

Não queremos culpabilizar as mídias digitais, tampouco os processos de midiatização que têm perpassado a vida dos indivíduos, visto que “a midiatização, tal como aqui a concebemos sugere antes uma expansão das oportunidades de interação nos espaços virtuais e uma diferenciação do que as pessoas percebem como real" (HJARVARD, 2014, p 33). Nesse sentido, considera-se que o importante não é atacar e sentenciar as mídias, mas, sim, os usos que temos feito delas, em uma sociedade que direciona para códigos e condutas morais questionáveis.

Acreditamos que esses códigos e condutas morais são questionáveis, pois são totalmente fundamentados em princípios baseados no capital. Esses, sim, são princípios que precisam ser questionados e modificados para que o processo de construção da nossa identidade não seja assujeitado de acordo com essas prescrições morais vigentes nos dias de hoje. Como preconizado por Mosé (2020), o nosso maior desafio no momento é aprender a parar, principalmente nesse contexto em que não agir, não se impor podem ser vistos como sinônimo de fracasso. Já que os espaços de convivência social foram modificados e expandidos por meio das mídias digitais, presumimos que refletir sobre as modificações e a expansão destes poderá de alguma forma auxiliar em um melhor direcionamento para uma relação mais harmoniosa e menos perversa em relação ao que Foucault (2014) considera como processo de assujeitamento.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

No decorrer da Pandemia de COVID-19, os meios e formas de organização das atividades sociais, na tentativa de minimizar os impactos do isolamento social, tiveram de ser completamente reinventados, e tudo indica que essa reinvenção afetou sobremaneira a rotina dos indivíduos, as formas de entender as naturezas das relações sociais e, sobretudo, o entendimento dos próprios sujeitos em um contexto de utilização das ferramentas digitais contemporâneas. A partir disso, advém a necessidade de reflexão e ponderação sobre de que forma estamos nos produzindo no mundo contemporâneo mediado pelas mídias digitais.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Clara Andrade. **Fast-Foodização da Informação: a comunicação em tempos de cibercultura e modernidade líquida.** Monografia (Curso de Comunicação em Mídias Digitais) Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Departamento de Mídias Digitais, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 48. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17406/1/Fast-Foodiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20-%20Clara%20Andrade%20Borges%20-%20Vers%C3%A3o%20Final.pdf Acesso em: 30 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2021.

COMIN, Fabio Scorsolini. Psicologia da educação e as tecnologias digitais de informação e comunicação. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. SP. V. 18, nº 3, p. 447-455, set-dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/pee/v18n3/1413-8557-pee-18-03-0447.pdf Acesso em: 30 jul. 2021.

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações *(1972 – 1990).*** Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Trad. de Raquel Ramalhete. 42ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização: um conceito em evolução**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.	
Recebido em: 17 set. 2021.	Aceito em: 10 dez. 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis: Vozes, 2015.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade.** São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2014.

FIORENTINI, Dario e LORENZATO, Sergio**. Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos.** Autores Associados, p. 226. Campinas, SP. 2006.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Tempo Docente**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MARTINHO. Luís Mauro Sá. Rumo a uma teoria da midiatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. **Intexto,** Porto Alegre, UFRGS, n. 45, p. 16-34, maio/ago. 2019. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/77889/50501 Acesso em: 20 jul. 2021.

MARX, Karl. **O capital.** Livro 1. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São
Paulo: Cultrix, 1996.

MORAN, José Manuel. Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias. **Informática na Educação: teoria & prática**, v. 3, n. 1, dez. 2000. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6474 Acesso em: 27 jul. 2021.

MORAN, José Manuel; MASSETO, Marcos e BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas, SP, 7° ed. Papirus, 2000.

MOSÉ, Viviane. O maior desafio do isolamento é aprender a parar. **Jornal Nexo**. Disponível em:http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2020/04/viviane-mose-o-maior-desafio-do.html Acesso em: 15 jun. 2021.

PETO, Lucas Carvalho e VERISSIMO, Danilo Saretta. (2018). Natureza e processo de trabalho em Marx. **Revista Psicologia & Sociedade**, n° 30, ago. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/hpxGgHT7rQVdKRChNjNgnjP/?lang=pt&format=pdf
Acesso em: 27 jul. 2021.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes:** a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.
Recebido em: 17 set. 2021. | Aceito em: 10 dez. 2021.

SOUZA, Ana Heloísa Ben-Hur. Resenha Modernidade Líquida. **Ponto Revista Científica**, v. 1, n. 1, dez. 2014. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/ponto/article/viewFile/5390/3362 Acesso em: 27 jul. 2021.

SILVA, Bento Duarte da. A tecnologia é uma estratégia. In: Paulo Dias & Varela de Freitas (org.). Actas ***da II Conferência Internacional Desafios.*** 2001. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho do Projeto Nónio, pp. 839-859. 2001.

ZIZEK, Slavoj. A barbárie com rosto humano. **Carta Maior**. Disponível em: http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2020/04/slavoj-zizek-barbarie-com-rosto-humano.html Acesso em: 27 jun. 2021.

Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen – RS, v. 22, n. 3, p. 77-98.	
Recebido em: 17 set. 2021.	Aceito em: 10 dez. 2021.